

REFLEXÕES SOBRE IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NAS RELAÇÕES AFETIVAS E NO ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO DE CASAIS E FAMÍLIAS À DISTÂNCIA¹

Ruth BLAY LEVISKY²

Resumo: O objetivo do trabalho é discutir sobre impactos da pandemia do coronavírus nas relações afetivas e no atendimento psicoterápico de casais e famílias à distância. O escopo desse artigo compreende reflexões psicanalíticas sobre o impacto das novas tecnologias nas relações humanas, relatos de experiências clínicas on-line e discussão teórica sobre o assunto.

Palavras-chave: Psicoterapia; casal; família, pandemia, internet, conflitos.

Résumé : L'objectif du travail est de discuter des impacts de la pandémie du virus corona sur les relations affectives et sur la prise en charge psychothérapeutique des couples et des familles à distance. La portée de cet article comprend des réflexions psychanalytiques sur l'impact des nouvelles technologies sur les relations humaines, des rapports d'expériences cliniques en ligne et des discussions théoriques sur le sujet.

Mots-clés : Psychothérapie ; couple ; famille, pandémie ; internet ; conflits.

I. INTRODUÇÃO

Vivemos uma crise global com a vinda da pandemia de coronavírus. É interessante saber que a palavra crise deriva do grego (*krisis*) e carrega em seu bojo sentidos discrepantes: incertezas, conflitos, ausências, carências, desequilíbrio e tolerância (Michaelis, 2020). Dependendo de como se lida com essas vivências e ambivalências, a experiência pode abrir um espaço gerador de desenvolvimento ou de paralização. Pode também deixar cicatrizes e até traumas. Por isso, são necessárias adaptações para se alcançar meios de sobrevivência. Alguns tiveram essa capacidade, outros sofreram muito com as mudanças e não conseguiram se adaptar.

A ideia deste trabalho é discutir os impactos emocionais que a pandemia trouxe para o dia a dia de famílias e casais que, de uma hora para outra, tiveram necessidade de mudar suas rotinas pessoais e de trabalho diante da contaminação do coronavírus pelo mundo. Aproveito para refletir sobre o impacto das novas tecnologias, em geral, sobre a mente humana e sobre o atendimento psicoterápico de pacientes à distância.

II. DISCUSSÃO

II. 1. A crise e suas consequências

¹ Palestra online proferida para “Poiesis Analytika”- Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família, Portugal, em 17-7-2020.

² RUTH BLAY LEVISKY, psicóloga, psicanalista de grupo, de casal e família, especialização em psicanálise de grupo, presidente da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF), Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF), bolsista do INSERM no Hôpital des Enfants Malades et Institut de Pathologie Moléculaire de Paris (1974), Bióloga, Geneticista, Mestrado e Doutorado em Genética Humana (Universidade de São Paulo, 1971, 1973), autora de artigos e livros especializados.

A necessidade de permanecer em isolamento diante da invasão avassaladora do coronavírus, sem perspectiva de uma solução a curto prazo e o medo da morte geraram inseguranças e angústias. A doença é nova, sem nenhum medicamento específico para tratamento. Houve uma busca desenfreada dos cientistas para descobrirem uma vacina que trouxesse imunidade contra esse vírus. Vários cientistas pelo mundo conseguiram, em tempo recorde, desenvolver vacinas que protegessem o indivíduo do não desenvolvimento da doença, ou, pelo menos, de ter uma forma mais atenuada. De qualquer forma, ainda teremos que continuar a usar máscaras e a evitar aglomeração social. Sabe-se lá por quanto tempo ainda.

Diante da alta taxa de contaminação do vírus, tornou-se urgente a implementação de políticas públicas que, de forma integrada, pudessem criar condições protetoras à população. Infelizmente, isso não ocorreu de forma satisfatória em nosso país, pela inoperância do Governo Federal e do Presidente da República, que minimizam a letalidade do vírus. Essas atitudes têm provocado sentimentos ambivalentes de insegurança e de revolta por parte do povo.

II. 2. A importância do outro

Desde fases muito precoces do desenvolvimento, o outro assume um papel fundante e fundamental para a constituição dos vínculos afetivos e da subjetividade, a partir de modelos parentais a serem internalizados. O ser humano precisa do outro para compartilhar afetos, desenvolver suas potencialidades e atenuar o sentimento de desamparo. Quem não vivencia esse acolhimento, nas fases precoces de seu desenvolvimento, carrega marcas profundas ao longo da vida.

No início da vida, a comunicação entre a mãe e o bebê ocorre pelas trocas afetivas transmitidas por meio do olhar, da voz, dos odores e do contato da criança com a pele da mãe. À medida que ocorre o desenvolvimento do ser humano, outras formas de comunicação passam a fazer essa função de estabelecimento de contato com o outro. A verdade é que a necessidade do homem de compartilhar afetos, ideias, ouvir e pensar, junto com o outro, caracteriza o processo civilizatório.

Cada época da civilização encontrou meios próprios e possíveis para se comunicar com o outro. Em momentos primitivos da história da humanidade, temos vestígios do uso de pinturas rupestres em cavernas, do fogo, da percussão (tambores), de hieróglifos escritos em pedra, como meios de comunicação. A escrita cuneiforme usada pelos sumérios é uma das mais antigas e remonta ao período de aproximadamente 3500 A.C., coincidindo com a época dos hieróglifos; uma escrita baseada em símbolos. A necessidade de comunicação mais rápida entre os seres humanos impulsionou esse desenvolvimento, até que em 1840, Samuel Morse criou o código Morse, uma série de sinais que possibilitou a transmissão de mensagens pelo telégrafo. Depois, surgiram outros meios, cada vez mais aperfeiçoados, como Correio, Jornais, Rádio e TV, propiciando maior eficiência na difusão das notícias. Mas, em 1969, surgiu a internet, descoberta que revolucionou o mundo. Foi criada nos Estados Unidos, com a função de interligar laboratórios de pesquisas. Sua função inicial ampliou-se e, graças a ela, a comunicação tornou-se mais rápida, derrubou fronteiras e é a ferramenta que tem proporcionado a continuidade dos trabalhos e dos relacionamentos com famílias e amigos, nessa época de pandemia.

III. IMPACTOS EMOCIONAIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

O que representa essa pandemia? Uma guerra contra um inimigo invisível? Uma crise? Uma catástrofe? Um acontecimento? Uma imposição? Desenvolverá um trauma coletivo? Incertezas? O fim de um modelo de civilização? São muitos os fatores e talvez sejam todos eles juntos que representam os inúmeros sentimentos, como dúvidas e angústias, que nos invadiram de forma inesperada. Temos mais perguntas que respostas.

A disseminação do vírus trouxe interferências que provocaram grandes mudanças em várias áreas. A alta taxa de desemprego, a paralização de muitas indústrias e comércios, a suspensão das aulas, nas escolas e universidades, provocaram um desequilíbrio mundial. Os desníveis sociais ficaram escancarados. As famílias, os amigos, os jovens e as crianças, enfim, todos nós sofremos com as limitações impostas pelo isolamento social. Urbanistas têm discutido se os grandes centros continuarão a representar polos de maiores oportunidades de desenvolvimento ou se os comércios de bairros crescerão.

O mercado de trabalho dos jovens e certas carreiras também sofrerão transformações? É tudo muito estranho. Não sei se poderíamos pensar, de algum modo, que estamos vivendo no momento, o “estranho” de Freud, mas acredito que não, pois esse conceito freudiano trata da volta de experiências recalçadas. Nesse momento de pandemia, ainda não tivemos tempo para simbolizar nossas vivências e transformá-las em nosso mundo mental. Quem sabe se, em futuras gerações, essas experiências possam ser identificadas, significadas e esse “estranho” surgir como um material psíquico transmitido, que irá retornar! Sabe-se lá como.

A imprevisibilidade é o tom que faz parte desse desenho que não sabemos bem que forma terá e que impactos trará. Estamos pintando uma tela da vida que ainda não terminamos. De que futuro estamos falando? A resposta é a não resposta. Diante desse medo do desconhecido, fantasias persecutórias têm habitado nossas mentes, carregadas de sentimentos de angústias, de insegurança e de ansiedade. A pandemia atingiu a todos e a tudo. Uma pesquisa realizada no Brasil, ao longo da pandemia, com adolescentes de escolas públicas e realizada pelo Instituto Data Folha, com a Fundação Lemann, Itaú Social e *Imaginable Futures*, publicada na Folha de São Paulo do dia 19 de agosto de 2020, por Laura Matos, revelou que eles mostraram falta de motivação, dificuldade de concentração, irritação e tristeza. A falta de contato social, principalmente entre crianças e jovens, trouxe grandes dificuldades.

Como todos vivemos, repentinamente, de forma compulsória e globalizada, com falta de contato, de abraço e até mesmo de um aperto de mão, perguntamo-nos: Como é “estar perto” hoje? E como será amanhã? Será que o tradicional aperto de mão dos estadistas, fotografados e guardados para a posteridade, terão continuidade?

Vive-se hoje uma presença-ausência, separados um do outro pela telinha do computador, pelo distanciamento físico, pelo uso de máscaras. No entanto, quando o encontro é possível, apesar do distanciamento dos corpos, ele pode vir impregnado de afetos. Vivemos a ambivalência de que o contato com o outro proporciona, simultaneamente, prazer e ameaça, até mesmo por parte de nossos entes queridos. Outro dia, minha neta de 7 anos vieram com nossa filha nos visitar. Ficamos todos com máscara, distantes na garagem de casa, conversando e matando as saudades. A menina, então, disse baixinho: estou com tanta vontade de te dar um abraço! Derramei lágrimas misturadas de tristeza e alegria, tomada por uma profunda emoção. Sentia o mesmo que ela, mas, por amor, era necessária a distância física. Esse paradoxo é incompreensível! Tem um caráter “esquizofrenizante”.

Como definiríamos nossa relação agora?

A falta do contato tem nos levado a valorizar mais os encontros afetivos, sejam eles presenciais ou à distância. Incluo todos os tipos de emoções, amorosas e violentas. O número de assassinatos, de vítimas por violência doméstica e de abusos sexuais infantis aumentaram significativamente na pandemia. Por outro lado, algumas pessoas têm tido oportunidade para se aproximarem mais e se descobrirem.

Será que o excesso de proximidade nos lares tem provocado aumento de reações agressivas? Ou essas famílias e casais já tinham problemáticas anteriores, mal elaboradas, que se intensificaram? Dentro de minha experiência, essas famílias, de forma geral, já apresentavam uma psicodinâmica instável, e, pelas limitações e frustrações impostas pelo isolamento, esse desequilíbrio se ampliou.

IV. REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Temos evidências, nas obras de Freud, que ele já utilizava os meios à distância da época, para tratamentos e supervisões. Escreveu inúmeras cartas a Breuer, Fliess e outros colegas, para discutir reflexões e partilhar angústias. Em sua obra, o Pequeno Hans (1909), ele nos conta sobre o tratamento de um menino feito através de cartas trocadas com o pai da criança. Pensando nesse sentido, Freud talvez tenha sido um dos primeiros analistas a incluir a família ao tratamento de uma criança e, ainda mais, à distância. Winnicott, na época, pediatra, foi outro psicanalista que usou um programa de rádio para dar orientação de pais à educação dos filhos.

Alguns terapeutas já faziam terapias à distância em casos de pacientes que moravam em outras cidades e países, antes da pandemia do covid-19. Mas, com a vinda da pandemia e do isolamento compulsório, abriu-se a necessidade, imperiosa e única, de atendimento de modo remoto aos nossos pacientes. Sentimentos de incerteza, impotência, imprevisibilidade e o fantasma da morte foram temas recorrentes no início das análises. Sentimentos comuns entre analistas e pacientes, mundos superpostos que os aproximaram pelas identificações (Puget e Wenders, 1982). Essa superposição, ao mesmo tempo que criou uma aproximação e uma intimidade pelas vivências comuns, também levou o analista, por vezes, a ter momentos de distanciamento analítico, pela coincidência com suas próprias questões.

Vários psicanalistas têm-se dedicado a estudar as repercussões das novas tecnologias sobre o sujeito. Moreno (2002), Berenstein (2007), Blay Levisky (2010, 2014), entre outros. Alguns pensadores discutiram questões ligadas à capacidade de elaboração mental do sujeito frente à enorme quantidade de estímulos do mundo atual e às mudanças de configurações vinculares presentes na atualidade (Baudrillard, 2001, Bauman, 2001, Attali, 2007; Morin, 2012; Levisky, 2012). Neurocientistas pesquisaram como a mente e o cérebro se comportam diante dessa alta velocidade de estimulações externas. Iacoboni (2008) descobriu que os neurônios espelhos, nos seres humanos, são ativados por meio de estímulos reais ou virtuais e provocam emoções semelhantes aos encontros presenciais. O que ainda não sabemos é se o outro virtual é capaz de captar sentimentos, corresponder e transmitir seus afetos.

Tisseron (2012) discute, em seu livro *Rêver, fastasmer et virtualiser*, sobre a imensa atração que indivíduos têm pelo mundo virtual; muitos vivem essa experiência em excesso e podem até desenvolver vários tipos de adições. Será que nossa realidade atual tem representado um

excesso? Horas a fio grudados na tela dos computadores e celulares! A queixa do cansaço, nesse tipo de atendimento, tem sido uma queixa frequente por parte dos analistas.

Em outro livro, Tisseron (2015) discute que os robôs despertam em nós, humanos, afeições e “interações” por meio de nossas programações. Os robôs representam seres humanoides, programados para serem nossos cúmplices, escravos, satisfazerem parte de nossos desejos e não nos contrariarem. Isso cria um espaço mental que poderá favorecer o desenvolvimento de sentimentos confusos entre a máquina e o homem. Como entender esse tipo de gratidão por uma máquina? Como as vivências do homem com as máquinas têm-se intensificado dia a dia, estudos científicos se abrem para uma investigação mais aprofundada por parte dos pesquisadores.

Lembro-me de que, quando jovem, ainda na escola, na década de 1960, tive que fazer uma redação sobre “O homem e as máquinas”. Nessa época, começava a se ventilar o temor de que as máquinas ocupassem o espaço humano. Com o progresso da ciência, muitas atividades humanas já foram substituídas por máquinas, para uma redução do custo operacional das indústrias. Aquilo que outrora eram apenas fantasias, hoje é realidade. O novo gera curiosidades, experimentações, temores, questionamentos, instabilidades, resistências e, consequentes necessidades de adaptações.

Lembro-me de um trabalho que escrevi sobre o atendimento de um casal de namorados que me procurou para uma terapia, na década de 1990. Fiquei confusa: deveria trabalhar com eles ou estaria cometendo uma transgressão psicanalítica? Apesar de meu estranhamento frente a essa situação, aventurei-me a atendê-los; a nova experiência foi muito interessante para mim e para o casal. Hoje acharíamos ridícula essa minha inquietação!

Comecei há 9 anos a atender uma moça, que não morava no Brasil, pelo telefone. Era uma antiga paciente que havia se mudado para o exterior e que me procurou por estar muito deprimida. Lembro que depois de ouvi-la, disse-lhe que iria me informar sobre algum colega a quem pudesse encaminhá-la no país em que vivia. Nem me passaria pela cabeça a ideia de fazer uma terapia à distância naquela época. Foi minha paciente quem insistiu, dizendo-me que não queria outra indicação. Disse-me:

“- Você não está entendendo, quero conversar com você, na minha língua materna”.

Relutei e disse-lhe que iríamos fazer uma experiência; tinha muitas dúvidas, sentia-me transgredindo a técnica e as instituições de ensino. Continuo o trabalho com ela, até hoje. Uma vez, disse-me que, se estivesse vindo ao consultório, já teria parado a terapia. Coloca que manter vínculos afetivos construídos antes de sua mudança de país era muito importante para ela; permitia que se sentisse pertencendo ao que deixou. Depois passei a atendê-la pelo computador. Antes da pandemia, nossos encontros virtuais eram sem câmera, simulando a experiência do divã. Mas, com o isolamento, ela pediu que colocássemos o vídeo, pois estava se sentindo muito só e precisava me ver.

Parece que o distanciamento traz valorizações que a presença banaliza.

Curiosamente, o primeiro trabalho que escrevi sobre a invasão das novas formas de comunicação nos consultórios foi em 2007 (Blay Levisky e Silva, 2007). Nessa ocasião, fui procurada por um paciente que me conheceu pelo Google e que ainda acrescentou na primeira

entrevista: “Escolhi você pelo seu currículo; achei que estaria à altura de me atender”. Experiências inusitadas!

Com a vinda da pandemia, a única forma dos analistas manterem seus atendimentos foi o enfrentamento e a adaptação ao novo modelo. Tenho tido uma experiência muito positiva no atendimento de casais e famílias online durante a pandemia. Altos níveis de sofrimento e de irritabilidade têm favorecido a criação de um clima favorável para o trabalho de análise, seja ele de modo presencial ou à distância. Fico com a impressão de que, nesse momento pelo qual estamos passando, quando os pacientes buscam terapia, principalmente em regime de urgência, eles já chegam com disponibilidade para o trabalho. Mas é preciso dizer que há casos que apresentam resistência à análise.

Durante esse período de pandemia, sinto-me inclinada a ser mais flexível quanto às mudanças de horários, uma vez que todos estamos nos adaptando a um novo modo de lidar com a vida e com os imprevistos. Claro que, se essas demandas forem recorrentes, será um material de análise a ser trabalhado. Questões financeiras e revisão de contratos têm sido relativamente mais frequentes, pelas quebras contratuais que muitos pacientes sofreram nos seus trabalhos.

Alguns pacientes não aceitaram atendimentos à distância, assim como certos analistas também não se abriram para viver essa nova experiência. Muitas podem ser as questões envolvidas que sugerem essa dificuldade: pessoas com alto grau de resistência ao novo? Casos com patologias graves que necessitam da presença e do olhar do analista? Falta de privacidade em casa? Além de outros pontos que, com o tempo, poderão ser melhor esclarecidos.

Claro, o atendimento à distância não é para qualquer tipo de paciente. Pacientes graves, com pouca capacidade para simbolização têm uma tendência para atuações e o distanciamento físico dos corpos e mentes trazem dificuldades complexas para eles. Em casos graves de violência doméstica, drogas ou patologias psicóticas, o atendimento on-line torna-se mais difícil. Pacientes com deficiências visuais e auditivas também apresentam dificuldades para o atendimento à distância, pois a percepção sensorial é fundamental para o compartilhamento.

Muitos pacientes queixaram-se de não ter um espaço de intimidade em casa para fazer análise. Foi importante o desenvolvimento de um setting mental para criar condições para se trabalhar num outro *setting* analítico, além de uma grande capacidade adaptativa do analista e dos pacientes, frente a essa realidade. Estamos entrando nas casas dos pacientes, mas os pacientes também estão entrando na nossa intimidade. Materiais que dificilmente seriam trabalhados, em análise, nos consultórios, entraram na cena analítica. Invasões inusitadas e mudanças do *setting* emergiram nesse período: filhos que solicitavam a atenção dos pais, animais de estimação participando das análises, pais que necessitavam ajudar as crianças a ligar o computador para a sessão, pacientes que foram atendidos dentro dos carros, na rua e até no banheiro da casa, para preservação da intimidade. Foram situações que ao longo da experiência, foram sendo compartilhadas e refletidas, para permitirem condições possíveis para o desenvolvimento da análise. Foi um esforço para todos os envolvidos!

Outra questão que surgiu nesse cenário: estamos tendo espaço para desenvolver intimidade e vínculos afetivos com pacientes novos?

Existia, antes da pandemia, uma discussão entre psicanalistas, que atender pacientes novos de modo remoto, sem encontros presenciais prévios era controverso, pela falta de condições para uma construção vincular. Escrevi na época, trabalhos onde procurei denominar de modo

diferente o vínculo estabelecido na presença daquele que se construía de modo remoto. São questionamentos que, atualmente, dentro de meu entender, já foram transformados em relação às minhas reflexões anteriores (Blay Levisky, 2010, 2014). Acredito que são vínculos criados com possíveis naturezas distintas, mas são vínculos, construídos pelas relações transferenciais e contratransferenciais que permeiam o processo analítico.

V. O QUE ESTAMOS OBSERVANDO HOJE?

Tenho tido experiências muito positivas no atendimento de casos novos que me procuraram durante a pandemia. Até tem me surpreendido a capacidade de elaboração e de simbolização de alguns desses casos. Talvez a necessidade crie condições favoráveis para o trabalho analítico, diante de nossa realidade.

Vivências clínicas on-line, tanto de casos novos como antigos, com capacidade de simbolização, de intimidade e de trocas afetivas me fizeram mudar minha compreensão desse fenômeno. Percebo que, em certos casos, sejam atendimentos presenciais ou à distância, tem sido possível a realização de um trabalho analítico, onde os corpos presentes-ausentes criam atalhos fundantes e necessários para se viver o espaço “entre” pacientes e analistas, distantes fisicamente, mas presentes afetivamente.

Será que o isolamento, a solidão e a impotência favoreceram, em alguns, o nascimento de um recurso vital para lidar com o vazio e facilitar o desenvolvimento de uma nova capacidade para criar “vínculos”, se é assim que podemos denominar essa vivência?

Ainda necessitamos de tempo para pensar e nomear esse tipo de “ligação afetiva”, que tem dado alimento e sustento para nossa sobrevivência mental em momentos pelo qual estamos passando. Alguns colegas têm sofrido muito com essa nova modalidade de atendimento; outros, se adaptaram mais facilmente; há aqueles que nem tentaram e deixaram de atender, por entenderem que isso não é análise.

Inúmeros fatores socioeconômicos-culturais, ritmos diversos, variabilidade das subjetividades e da flexibilidade mental dos envolvidos, influenciam na capacidade de adaptação dos sujeitos a lidarem com o fato novo. Penso atualmente, que a construção de um vínculo entre analistas e pacientes depende da qualidade da relação que se constrói entre eles, independentemente se ela é presencial ou à distância. Puget (2006) diz:

Pensar advém também como resposta ao efeito de um acontecimento novo ou de uma presença que se impõe, e excede à organização anterior. Este excesso terá vários destinos: ou bem será incorporado em uma organização que já está lá, apesar de saber que nada será como antes, ou bem ele determinará a produção de uma nova organização independente. Inaugura-se um novo trajeto (Puget, 2006, p.8).

Acrescentaria a essa ideia, de que uma presença-ausência é um acontecimento que produz uma relação diferente da presencial e com uma outra organização mental, que não sabemos nomeá-la ainda, mas que cria um espaço psíquico entre os sujeitos, onde aspectos transferenciais-contratransferenciais emergem nas relações e possibilitam a construção e o desenvolvimento do que hoje entendemos por vínculo. São questões que tenho tido interesse em aprofundar.

Lembranças de minha trajetória profissional foram aflorando num encadeamento de ideias, importantes para organizar e construir reflexões sobre as experiências atuais. A história é importante para unir os elos com as experiências vividas e dar sentido às atuais.

VI. ANÁLISES À DISTÂNCIA

Tive dois casais que pararam o trabalho com a vinda da pandemia. Não aceitaram o atendimento à distância. Um deles, acredito que iria interromper de qualquer modo, pela violência de sua relação e pela iminência de separação. O outro casal teve dificuldades para continuar a terapia por terem filhos muito pequenos e não conseguirem ter condição de privacidade. Acredito que um dia possam retornar, pois foi muito sofrido para eles o desligamento. Foram muito afetivos nas mensagens e reconheceram a importância do trabalho realizado, e até, posteriormente, encaminharam-me um caso.

Uma família relatou, em análise, que a filha universitária montou uma barraca na casa, para sentir maior privacidade. É uma moça com sérias questões emocionais e as fantasias persecutórias se exacerbaram durante esse período. A bagunça de seu quarto representava internamente sua desorganização emocional. Foi ficando claro, durante a análise, que os pais também tinham dificuldades para arrumar pontos da casa, que estavam desorganizados há muito tempo. O trabalho analítico tem colaborado para a família perceber e lidar com as instabilidades das relações entre eles e com os conluios inconscientes construídos e transmitidos transgeracionalmente, como modelos identificatórios.

Famílias com casos graves, com pouca capacidade de elaboração têm trazido para as sessões a fantasia da falta de privacidade para fazer análise em casa. Esses pacientes sentem que elementos mobilizados na sessão ficam circulando pela casa. Há relatos de pacientes que dizem que as paredes escutam os seus segredos; sentem-se perseguidos e com a intimidade ameaçada. Outros casos usam da violência doméstica, de atuações, como forma de extravasamento de angústias. Somente a palavra não está sendo suficiente para conter as fantasias. A presença física do analista, a troca de olhares e o *setting* analítico conhecido do consultório são fatores importantes para o acolhimento das fantasias nesses casos.

Um dos casais novos que estou atendendo, cada um fica no seu computador e em recintos diferentes. Fui me dando conta que a queixa do casal é a dificuldade para compartilharem e dialogarem. O *setting* escolhido pelo casal foi útil para compreender a dinâmica da relação e serviu como material do trabalho analítico que está sendo aprofundado.

As terapias de casal e família on-line têm apresentado algumas questões específicas:

1. **Setting:** foi necessário o estabelecimento de como e onde iríamos trabalhar. Tive pacientes que, no início, da pandemia, foram atendidos na cama, de pijama e camisola ou numa praça pública com muita gente em volta. Foi importante construir com eles um espaço de análise, onde todos pudéssemos ter condições de privacidade e nos sentirmos à vontade para a realização do trabalho. Foram materiais de análise muito interessantes que dificilmente surgiriam no contexto dos consultórios.

Foi um caminho para a criação de um *setting* diferente e não comparável com o atendimento a que estávamos habituados nos consultórios. O *setting*, na experiência online, revelou ser de natureza sobretudo mental, onde o analista dentro de sua função, necessitou desenvolver, de forma criativa e inovadora, condições para o trabalho

analítico, apesar das interferências externas. O *setting* mental não é exclusivo do atendimento à distância; é uma condição interna a ser desenvolvida pelos analistas em geral.

2. **Contrato:** o analista precisou usar de maior flexibilidade para lidar com as questões se adentraram no espaço analítico, como faltas em cima do horário da sessão, reuniões marcadas pelas empresas de última hora ou aulas à distância de crianças que necessitavam de ajuda dos pais para participarem das atividades. A rotina a que estávamos habituados transformou-se numa outra rotina, que necessitava de tempo para ser estabelecida.

3. **Tecnologia:** questões técnicas foram empecilhos principalmente no início da pandemia: escolha de aplicativos, dificuldade de trabalhar durante horas na frente do computador ou do celular, problemas de internet responsáveis por interrupções durante as sessões, qualidade sofrível do som ou da imagem; invasões externas com que tivemos que aprender a lidar.

4. **Pacientes novos:** como fazer anamnese e construir contratos à distância com pacientes que não conhecemos pessoalmente? Foram outros aprendizados !

5. **Cansaço:** queixa comum dos analistas por permanecerem muitas horas em frente à tela do computador e do celular. Esse desgaste físico e emocional foi resultado da rápida necessidade de adaptação ao novo modelo de trabalho e de possíveis resistências.

VII. CONCLUSÃO

Trabalhar à distância tem-me surpreendido, pelos resultados positivos em muitos dos atendimentos. Tenho tido casais e famílias que estão mais próximos durante a pandemia, por terem oportunidade de se conhecerem melhor e até de desfrutarem e descobrirem alguns cantinhos da casa, antes não explorados; o isolamento proporcionou maior oportunidade para estarem juntos.

Mas em outros casos, a pandemia trouxe sérias dificuldades nas relações: angústias e desencontros se acirraram. Casais e famílias que já tinham dificuldades anteriores não conseguiram preservar sua individualidade e o isolamento exacerbou o aparecimento de fantasias persecutórias e sentimentos invasivos. Casais competitivos têm apresentado maiores dificuldades para viver no isolamento. O contato constante tem aberto espaço para disputas, que, muitas vezes, terminam em violências.

A configuração tempo- espaço ficou diferente. Os lugares do casal e da família sofreram mudanças no atendimento à distância. Mudanças só físicas ou emocionais? O corpo real está ausente no atendimento on-line, mas as trocas afetivas muito presentes de forma geral. A observação de gestos, olhares, a comunicação não verbal tornou-se mais difícil no atendimento on-line.

A capacidade de observação e de *rêverie*³ (Bion, 1977) no trabalho à distância é diferente, mas não significa que não exista. Não quer dizer que seja melhor ou pior, mas diferente. Temos várias questões em aberto, sem respostas, mas que nos levam a estar atentos como observadores e pesquisadores de um assunto em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATALLI, J, E BONVICINI, S. « *Amours : histoires des relations entre les hommes et les femmes* ». Paris: Librairie Arthème Fayard, 2007.
- BAUDRILLARD, J. « Banalidade mortífera ». *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 10-06-2001.
- BAUMANN, Z. « *Modernidade líquida* ». Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERENSTEIN, I. « Del ser al hacer ». *Curso sobre vincularidad* ». Buenos Aires: Paidós, 2007.
- BION, W. « *Two papers: the gird and caesura* ». Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- BLAY LEVISKY, R. e SILVA, M.C.R. « A invasão de novas formas de comunicação ». Apresentado Congresso do Núcleo de estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares. Serra Negra, Brasil: Nesme, 2007.
- BLAY LEVISKY, R. “Vínculos virtuais: novas formas de amor?”. *O desafio do Amor - Uma questão de sobrevivência*; Orgs: Franco Montoro, G. C. e Munhoz, M.L.P., cap. 24, Ed. Roca, São Paulo: 2010.
- BLAY LEVISKY, R. « Amores reais e virtuais: estamos falando da mesma coisa? ». *Diálogos Psicanalíticos sobre Casal e Família: Vicissitudes da família atual*. Org: Blay Levisky, R. e col. Cap.4. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2014.
- FREUD, S. « Análisis de la fobia de un niño de cinco años ». *Obras completas de Sigmund Freud*, Tomo II, Tercera Edición. España: Biblioteca Nueva: 1909.
- FREUD, S. « El siniestro ». *Obras Completas de Sigmund Freud*, Tomo III, Tercera Edición. España : Biblioteca Nueva : 1909.
- IACOBONI, M. « *Las neuronas espejo. Empatía neurolíptica, autismo, imitación o de como entendemos a los otros* ». Buenos Aires: Ed. Katz, 2009.
- LEVISKY, D.L. « O hiper-realismo interfere na produção da fantasia? ». *Alter de Estudos Psicanalíticos*, 30, Brasília, Brasil, 2012.
- MORENO, J. « *Ser humano* ». Buenos Aires: Libros del Zorzal Giselarir, 2002.
- MICHAELIS, ON LINE DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. VERSÃO ONLINE: <<https://michaelis.uol.com.br/>> (acesso em dez.2020)
- MORIN, E. « *Chorar, amar, compreender* ». São Paulo: Ed. Sesc, 2012.
- PUGET, J. e WENDERS, L. « El mundo superpuesto entre pacientes y analista ». *Revisitando al cabo de los años*. Psicoanálisis, IV (3), 1982.
- PUGET, L. « Penser seul ou penser avec ». *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, n.46, 2006.
- TISSERON, S. « *Rêver, fantasmer, virtualizer: du virtuel psychique au virtuel numérique* ». Ed. Dunot, Paris : 2012.
- TISSERON, S. « *Le jour où mon robot m’aimera : vers l’empathie artificielle* ». Paris : Albin Michel, 2015.

³ *Rêverie*, traduzido para o português como devaneio, foi um conceito introduzido por Bion (1977) que revela um estado mental da mãe, capaz de acolher e introjetar as impressões sensoriais e emocionais do bebê; a mãe ao dar um significado a elas, desenvolve condições para o bebê re-introjetar esses conteúdos, agora, carregados de significados.